

fórum econômico

Caderno Especial do Jornal do Comércio | Porto Alegre, sexta-feira e fim de semana, 10, 11 e 12 de novembro de 2023



Setor econômico reunido no Rio Grande do Sul

Evento inédito em Porto Alegre promoveu palestras para tratar do cenário financeiro no Estado

FÓRUM ECONÔMICO

Primeiro Fórum Econômico do RS teve auditório cheio no Instituto Caldeira

Porto Alegre sediou, no dia 24 de outubro, a primeira edição do Fórum Econômico, evento que reuniu líderes do mercado financeiro gaúcho. A atividade, no Instituto Caldeira, foi gratuita.

Pedro De Cesaro, sócio-fundador da Propósito, boutique financeira gaúcha que organizou o fórum, diz que o objetivo era destacar a qualidade dos profissionais do setor. O evento foi dividido em cinco painéis, nos quais foram abordadas questões econômicas e investimentos.

Entre os temas, estiveram assuntos macroeconômicos, aplicações em special situations (ativos alternativos), investimentos em renda variável e um framework do

setor financeiro gaúcho.

Os 15 palestrantes foram divididos da seguinte forma: Fábio Rech (Quarter), Guilherme Previdi (Griffin), Rafael Flores Nunes (Harbour) e Leandro Nunes (L'Arca Capital) no painel Special Situations; Rogério Braga (Quantitas) e Carlos Chaves (Seival) no painel Multi-mercados; Valter Bianchi (Fundamenta), Frederico Vontobel (Vokin) e Rafael Weber (RJI) no painel Renda Variável; Alexandre Englert Barbosa (Sicredi), César Saut (Icatu) e Haroldo Stumpf (Banco Topázio) no painel Instituições Gaúchas; e Aod Cunha, Igor Morais (Vokin) e André Nunes de Nunes (Sicredi) no painel Economia.

“Essa é a primeira edição do



EVANDRO OLIVEIRA

Durante o evento, o vice-prefeito de Porto Alegre, Ricardo Gomes, anunciou redução do ISS às financeiras

evento e temos orgulho em estarmos iniciando esse movimento de fortalecimento do mercado financeiro gaúcho, dada a relevância que nossas instituições possuem”, destaca De Cesaro.

O evento foi proporcionado pela Propósito e pelo **Jornal do Comércio**, com apoio do IBEF-RS e Fundação A.J. Renner, com patrocínio oficial da Vokin Investimentos

e RJI Investimentos.

Durante a atividade, o vice-prefeito de Porto Alegre, Ricardo Gomes, anunciou que o Executivo municipal enviará projeto para a Câmara de Vereadores para baixar, gradativamente, o ISS (Imposto Sobre Serviços) de empresas do setor financeiro da Capital. Atualmente em 5%, a alíquota para esse segmento cairia,

inicialmente, para 3,5% e chegaria a 2% ainda no próximo ano.

“Queremos tornar Porto Alegre, cada vez mais, um destino atrativo para empresas do setor financeiro. Estamos falando de um mercado de pessoas altamente qualificadas e de uma área que opera como um farol do desenvolvimento da economia”, disse Gomes.

Extinção da Bolsa de Valores de Porto Alegre completa duas décadas

Mauro Belo Schneider

mauro.belo@jornaldocomercio.com.br

Com a popularização de aplicativos de investimento, ações na Bolsa de Valores têm se tornado um assunto mais acessível aos brasileiros. Por isso, grande parte do público conhece a B3, de São Paulo. O que muitos não sabem (ou não lembram) é que Porto Alegre também teve sua própria bolsa, extinta há 20 anos.

Na época do fechamento, o jornal Folha de S.Paulo informou, em outubro de 2002, que a BVES (Bolsa de Valores do Extremo Sul) seria extinta em seis meses. Ainda conforme a publicação, a decisão de dissolver a BVES foi tomada, sem unanimidade, em assembleia dos 12 conselheiros. Três corretoras teriam votado contra: Banrisul, Solidus e Geral. O patrimônio da bolsa gaúcha, estimado em R\$ 250 mil, seria distribuído entre os 12 sócios.

Na abertura do Fórum Econômico, realizado no Instituto Caldeira, no dia 24 de outubro, Pedro De



SUAMY BEYDOUN / AGIF/FOLHAPRESS/IC

Havia outras bolsas regionais pelo Brasil, mas elas fecharam ou foram englobadas pela B3, de São Paulo

Cesaro, sócio-fundador da Propósito, lembrou da entidade. A data do fórum, inclusive, foi definida em alusão à criação da Bolsa de Valores de Porto Alegre, fundada

em outubro de 1890.

Segundo o professor associado de macroeconomia e finanças do Departamento de Economia e Relações Internacionais da

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufgrs), Nelson Seixas dos Santos, as bolsas de valores regionais existiam em um tempo em que a tecnologia de negociação

não permitia que ativos financeiros pudessem ser negociados em nível nacional e global.

“Então, nesse sentido, o papel de toda bolsa regional e, em particular da Bolsa do RS, era prover um ambiente de negociação de ativos acessível aos investidores de cada região do País”, lembra.

Havia outras bolsas regionais pelo Brasil, mas, conforme Santos, elas fecharam ou foram englobadas pela B3. “Sendo a maior bolsa do Brasil em termos de valores negociados, era natural que os investidores de todo o País buscassem poder contar com as oportunidades que só ela poderia oferecer.”

Santos não acredita na volta da bolsa. “Com a tecnologia de telecomunicações atual, não vejo sentido de bolsas regionais de amplo espectro. Mesmo a B3 luta para sobreviver ao alcance da Bolsa de Nova York e só não se desfaz porque nem todos os investidores nacionais tem condições de atuar em uma bolsa internacional em um arcabouço jurídico totalmente diferente do nosso”, avalia.



MERCADO FINANCEIRO

Special situations aquecem mercado de crédito no Brasil

Conceito foi abordado no painel de abertura do Fórum Econômico no Instituto Caldeira

Mauro Belo Schneider
mauro.belo@jornaldocomercio.com.br

O conceito Special Situations, que caracteriza investimentos em ativos alternativos e de alto risco, alto retorno financeiro e elevada complexidade jurídica, abriu os trabalhos da primeira edição do Fórum Econômico do Rio Grande do Sul. Promovido pela Propósito e pelo Jornal do Comércio, o evento reuniu empreendedores do setor financeiro no Instituto Caldeira no dia 24 de outubro.

Entre eles, estavam Fábio Rech, da Quarter; Guilherme

Previdi, do Grupo Baru Crédito; Rafael Flores Nunes, da Harbour; e Leandro Nunes, da L'Arca Capital. Cada um deles falou sobre sua experiência à frente de negócios financeiros criados no Rio Grande do Sul.

Previdi iniciou sua fala ressaltando que é “difícil dizer o que é uma operação de baixo risco”. “É special situation o tempo todo”, frisou, lembrando, ainda, que “o Brasil é um mercado com potencial enorme”.

Já Rafael Nunes citou que o mercado vem enfrentando muitos desafios, e a esperança é que 2024 seja “mais tranquilo”.

Rech compartilhou sua experiência com o trabalho da Quarter focado em precatórios. “No precatório federal, há a União com uma decisão já julgada e um deságio

de preço interessante”, expôs. Basicamente, a ideia é que se crie um mercado em que os investidores gerais possam comprar os precatórios.

“Há um déficit de R\$ 140 bilhões de precatórios da União para serem pagos no Brasil”, mensurou.

Leandro Nunes comentou que enxerga uma descentralização da poupança no País. Para ele, a XP é o grande case que exemplifica isso.

“Por que isso não pode se consolidar no mercado de crédito também?”, questionou ele, gerando reflexões na plateia.

Os painelistas mencionaram, ainda, que o estoque de operações de crédito atingiu R\$ 4,497 trilhões em outubro no Brasil, o que seria uma oportunidade para



EVANDRO OLIVEIRA

Painelistas citaram estoque de crédito no País, que chega a R\$ 4,497 trilhões

gestoras locais.

“Os bancos não conseguem atender tudo. Achar R\$ 20 bilhões no mercado não é difícil”, salientou Previdi sobre a atuação dessas empresas.

O segredo, afirmaram acreditar, é que as gestoras sejam mais rápidas que os grandes bancos, mesmo que cobrem mais que eles.

Outro assunto bastante citado

foi a questão da segurança dos investidores. “Nossa palavra é pulverizar riscos”, sublinhou Previdi antes de falar sobre a escada de recuperações judiciais de empresas, o que, para ele, é um problema grave e que gera consequências no segmento.

“Não dá para repassar a redução da Selic ainda, pois o mercado está estressado”, adjetivou.

Transparência, confiança e alinhamento de interesses na busca de resultados consistentes.

A Vokin é uma gestora gaúcha (fundada em 2011), com sede em Porto Alegre, com foco em renda variável e R\$ 2,5 bilhões sob gestão.

Estratégia Vokin GBV Aconcágua (eleita pela Revista Investidor institucional entre os Melhores Gestores – Categoria Fundos de Ações 2023):

- Investimento em ações de empresas de valor (value investing);
- Baixa correlação com fundos de mesma classificação (comparáveis).

Invista junto conosco!

Converse com seu assessor de investimentos ou acesse vokin.com.br



MERCADO FINANCEIRO

Desafios para os fundos multimercados em debate



EVANDRO OLIVEIRA/JC

Conheça os 10 melhores fundos multimercados da década, segundo a Morningstar

Janaina Ribeiro

Nome	Nota Morningstar	Rentabilidade (%)
ARX Extra FIC FIM	3,32	283
Verde CSHG FIC FIM	3,16	288
Bresser Hedge Plus FIM	2,64	262
Sharp Long Short FIM	2,28	236
JGP Equity FIC FIM	2,24	177
Mapfre Inversion FIM	2,18	188
Safa Galileo AB FIC FIM	1,73	
Banfi AM FIC FIM	1,71	
BTG Discovery FIM	1,66	
Seival FGS Agressivo FIC FIM		

No Brasil, a captação líquida acumulada da classe até setembro e em 12 meses aparece negativa em R\$ 57 bilhões na renda variável e em R\$ 68 bilhões na renda fixa, indicaram gestores

O ano de 2023 tem apresentado dificuldades para a categoria de ativos

Nicolas Pasinato
nicolasp@jcrs.com.br

O fundo multimercado foi o tema central de um dos painéis do Fórum Econômico, que trouxe como palestrantes para esse assunto Rogério Braga, sócio e gestor dos multimercados da Quantitas, e Carlos Chaves, co-fundador da Seival Investimentos. Na ocasião, ambos compartilharam suas experiências como gestores, abordaram o perfil do investidor brasileiro, apontaram tendências e fizeram uma análise da conjuntura econômica atual do Brasil e do mundo.

Os fundos multimercados são caracterizados por alocar o capital dos seus cotistas em diferentes ativos, incluindo tanto renda variável quanto renda fixa. O ano de 2023 tem sido desafiador para essa categoria. A captação líquida acumulada da classe até setembro e em 12 meses aparece negativa em R\$ 57 bilhões e R\$ 68 bilhões, respectivamente, de acordo com o boletim mais recente divulgado pela Associação Brasileira das Entidades dos Mercados (Anbima).

O Índice de Hedge Funds Anbima (IHFA), indicador de referência dos fundos multimercados da associação, acumula alta próxima de 5% neste ano, bem abaixo do CDI, índice de referência dos investimentos em geral, que avançou aproximadamente 10% nesse período.

Conforme Braga, o volume de resgates observado este ano está diretamente relacionado ao cenário de juros mais altos presente no mundo todo. “A taxa de juros básica norte-americana está entre 5,25% a 5,50% ao ano e a do Brasil, que chegou a 13,75%, ainda está em um patamar muito alto”, comenta.

Ele explica que, mesmo após os sucessivos cortes da Selic a partir de agosto, a taxa básica de juros do País (hoje em 12,25%) quando confrontada com uma projeção de inflação de aproximadamente 4,5% para este ano, faz com que a taxa de juros real acima da inflação seja muito atrativa. “Portanto, vejo como natural esse fluxo de saída”, complementa.

O gestor dos multimercados da Quantitas pondera que, ao abrir mão desses produtos neste momento, o investidor perde a chance de obter bons resultados “quando essa taxa de desconto começar a fazer uma inflexão, que é o que já começamos a ver na margem em alguns países em desenvolvimento”.

Já Braga chama atenção para alguns comportamentos habituais dos investidores brasileiros que podem explicar esse fluxo de saída nos multimercados. “A maioria quer um ganho garantido com um pouquinho de suspense, principalmente o brasileiro, que têm a cultura de uma renda fixa ‘sempre gorda’. Se buscar um fundo de longo prazo, é natural que haja volatilidade. Então, acredito que há um componente educacional que deveria ser observado”, analisa.

Para o co-fundador da Seival, é preciso ter bastante cuidado com estratégias de market timing por vezes adotada por investidores, que consistem na constante busca de prever os movimentos do mercado e obter lucro a partir dessa avaliação. “É preciso entender quando utilizar ou não, além de estudar a correlação e a estratégia de outras classes de ativos de sua carteira para não ficar mudando toda hora de posição”, explica. “Isso está cada vez mais difícil porque hoje há o telefone, o fornecedor digital, o amigo que fica toda hora nos instigando a navegar e tomar uma decisão no ruído, nos gerando ansiedade e jogando uma falsa ideia de que temos a capacidade de prever algo quando não temos”, completa. Para Braga, o mais importante é olhar para janelas longas, de pelo menos três anos ou, idealmente, de cinco a sete anos.

Cenário fiscal segue preocupando

No encontro, os palestrantes foram convidados também a analisar como observam a conjuntura econômica brasileira e quais os efeitos dela no mercado. O sócio e gestor dos multimercados da Quantitas observa que houve alguns avanços nos últimos anos, mas avalia que o País ainda não atacou os problemas estruturais vigentes, que são o desequilíbrio fiscal e a ineficiência da máquina pública. “Fizemos algumas reformas importantes, como a da Previdência e a lei que deu independência ao Banco Central. Foi aprovado também um arcabouço

(fiscal) que não é o ideal, aliás, o mercado não acredita que vamos cumprir a meta de déficit zero, mas é melhor ter esse arcabouço do que não ter nada”, disse, reforçando que a estrutura pública segue agindo de modo a sufocar o setor privado. Já o co-fundador da Seival Investimentos é mais incisivo ao apontar que o Brasil seguirá com dificuldades se não resolver o seu problema fiscal. “Qualquer família, empresa ou país não pode gastar mais do que arrecada. Então, enquanto não mexermos nisso drasticamente, vamos ficar boiando”, afirma.

Quem são as gestoras

Fundada em 2011 em Porto Alegre, a Quantitas é uma gestora cuja maior parcela de seus recursos é de multimercados. Atualmente, possui sob gestão cerca de R\$ 6 bilhões e conta com mais de 30 mil investidores. Seus produtos estão presentes em praticamente todas as plataformas de investimentos do Brasil, mas podem ser encontrados também via family offices e Fund of Funds (instituição ou organização que investe em nome de um grupo de interessados) e

distribuição direta. Também da Capital, a Seival é uma gestora de recursos independente fundada no ano de 2007 e que opera em quatro classes de ativos globais: moedas, taxas de juros, índice de ações e commodities, utilizando contratos futuros. Para isso, utiliza-se da estratégia Trend Following (modelos identificadores de tendência) 100% mecânico, com o objetivo de proporcionar aos seus investidores valorização do capital no longo prazo.



MERCADO FINANCEIRO

Sucesso na renda variável requer inteligência

Especialistas listam paciência e estudos como requisitos para investir de forma correta

Mauro Belo Schneider

mauro.belo@jornaldocomercio.com.br

“Não importa o que você ganha, importa o que você poupa e investe”, aconselhou Frederico Vontobel, da Vokin Investimentos, que participou do painel Renda Variável na primeira edição do Fórum Econômico. Ao lado dele, no palco, estavam Valter Bianchi, da Fundamenta, e Rafael Weber, da RJI.

A frase foi seguida por uma história envolvendo dois personagens norte-americanos: Ronald Read e Richard Fuscone. O primeiro foi faxineiro e consertava carros. Ao morrer, em 2014, tinha uma fortuna de US\$ 8 milhões.

O segundo foi executivo de um grande banco e estudou na universidade de Harvard. Chegou a ter uma casa com 11 banheiros, tomou um empréstimo para reformá-la e faliu.

“O mercado financeiro é o único onde uma pessoa como Read pode se dar melhor do que uma como Fuscone”, comparou. “Inteligência não tem a ver com QI, tem a ver com paciência, disciplina e avidez por aprendizagem”, listou.

Vontobel lembrou, ainda, que muitos brasileiros tem um perfil “especulador” e não de investidor na hora de aplicar o dinheiro. “A única coisa que se sabe é que o preço das ações vai oscilar”, exemplificou.

Por isso, sugeriu olhar o fundamento das empresas que o investidor pretende colocar seu dinheiro, ter um olhar a longo prazo. “Preço é uma coisa, valor é outra”, acrescentou.

Rafael Weber, da RJI, mostrou uma tabela da performance dos fundos administrados no Rio Grande do Sul. A partir de sua pesquisa, há maiores chances de o investidor encontrar um que bata a Ibovespa fora do eixo Rio-São Paulo, onde está a maior concentração.

“É um erro não olhar fora do tradicional leque”, alertou.

Valter Bianchi, da Fundamenta, classificou o ato de investir como uma escalada. “Quando está no início, é lento. E o ser humano não foi feito para entender um processo exponencial”, analisou. A pandemia de Covid-19 foi, inclusive, mencionada por ele na comparação. “Parecia que o vírus não iria crescer”, fez a analogia.

Se o investidor souber dar o devido tempo à aplicação, conforme Bianchi, é capaz de recuperar até os investimentos mal feitos. Assim como Vontobel, ele diferenciou o ato de investir ao de especular.

“Investir requer investigação e tenacidade incomum”, definiu o especialista. Ele reconheceu, no entanto, que a especulação capta mais as pessoas do que o investimento.

Durante o painel, foram listados três conflitos no momento de investir: longo e curto prazo; habilidade x sorte; e inteligência e autoconhecimento.



Palestrantes sugeriram análise sobre as empresas que investidores aplicam o dinheiro em vez de especulação



Frederico Vontobel,
da Vokin Investimentos



Rafael Weber,
da RJI



Valter Bianchi,
da Fundamenta



FOCO, EXCELÊNCIA E DILIGÊNCIA PARA QUE VOCÊ INVISTA NO MELHOR.

CONHEÇA NOSSOS FUNDOS DE INVESTIMENTO:

- **RJI WEGOS VALOR FIA** ★★★★★ MORNINGSTAR
- **RJI INVESTEIO LONG BIASED FIM**
- **RJI CASH FIRF SIMPLES**

A RJI INVESTIMENTOS OFERECE SOLUÇÕES COMPLETAS EM DIVERSAS ÁREAS, COMO ADMINISTRAÇÃO FIDUCIÁRIA, SERVIÇOS QUALIFICADOS, AGENTE DE CUSTÓDIA (B3), DISTRIBUIÇÃO DE VALORES MOBILIÁRIOS, ESCRITURAÇÃO DE COTAS DE FUNDOS, PARTICIPANTE CREDENCIADO EM LEILÕES NA B3, BANCO LIQUIDANTE E GESTÃO DE RECURSOS. NOSSA EQUIPE CONTA COM MAIS DE 40 ANOS DE EXPERIÊNCIA NO MERCADO E HISTÓRICO PREMIADO.

RJ: Av. Rio Branco, 138/sl 402 - Centro - Rio de Janeiro/RJ

RS: R. Anita Garibaldi, 1143/sl 1201 - Mont' Serrat - Porto Alegre/RS

SP: Av. Dr. Cardoso de Melo, sala 505, Vila Olímpia - São Paulo/SP

Instagram: rjigestaoeinvestimentos

RJ +55 21 3500-4500 RS +55 51 2313-0206 WhatsApp: (51) 99483-8888

DISCLAIMER. A RJI Gestão & Investimentos pode efetuar alterações no conteúdo deste documento a qualquer momento. As informações contidas neste material são de caráter exclusivamente informativo. Fundos de investimento não contam com garantia do administrador do fundo, do gestor da carteira, de qualquer mecanismo de seguro ou, ainda, do Fundo Garantidor de Créditos - FGC. A rentabilidade divulgada não é líquida de impostos. Para a avaliação de performance de fundos de investimentos, é recomendada uma análise de, no mínimo, 12 (doze) meses. LEIA O PROSPECTO E O REGULAMENTO ANTES DE INVESTIR EM QUALQUER FUNDO DE INVESTIMENTO. RENTABILIDADE PASSADA NÃO REPRESENTA GARANTIA DE RENTABILIDADE FUTURA. A comparação da rentabilidade dos Fundos com os respectivos indicadores econômicos se trata de mera referência econômica, e não meta ou parâmetro de performance.

FÓRUM ECONÔMICO

Soluções para impulsionar a economia do Rio Grande do Sul



EVANDRO OLIVEIRA/JC

O mercado de seguros de pessoas, que tem potencial de R\$ 200 bilhões, e o de previdência, que pode chegar a R\$ 3 trilhões, foram citados como oportunidades para negócios no Estado

Empresas estiveram presentes no penúltimo painel do Fórum, apresentando resultados e prospectando rumos

Maria Amélia Vargas
mavargas@jcrs.com.br

Com trajetórias que se mesclam e se complementam, organizações financeiras contribuem para o desenvolvimento do Rio Grande do Sul. Representantes de três delas — Banco Topázio, Sicredi e Icatu Seguros — estiveram presentes no penúltimo painel do Fórum Econômico, apresentando seus resultados e prospectando novos rumos econômicos.

Listado entre as primeiras colocações no mercado de câmbio nacional, o Topázio foi um dos que mais cresceu no segmento de comércio monetário global em 2022, com aumento de 93% no volume de transações. De acordo com o sócio e cofundador da instituição, Haroldo Stumpf, foram movimentados R\$ 53 bilhões em transações deste tipo no

ano passado, e para 2023 a previsão é de ultrapassar os R\$ 100 bilhões.

Pensada inicialmente para ser uma fintech, a companhia iniciada em 2005 viu a necessidade de ampliar a sua atuação. Para isso, ampliou parcerias, canais e adequou soluções, sem nunca desviar da sua vocação tecnológica. “Nós sempre pensamos o mercado financeiro, principalmente o bancário, de uma forma mais digital. Não tínhamos o caminho dos bancos tradicionais e tivemos que nos reinventar em uma linha digital ou nos integrar a outros ecossistemas para ampliar a nossa atuação”, explicou Stumpf.

O bem-sucedido modelo de cooperativa foi apresentado pelo superintendente de Tesouraria do Sicredi, Alexandre Englert Barbosa. A confederação de serviços iniciada na década de 1990, hoje conta com sete milhões de associados no Brasil, é a sétima instituição financeira do País em ativos e a sexta em carteira de crédito.

“Nosso impacto vai além dos associados, pois acabamos por contribuir com as comunidades nas



EVANDRO OLIVEIRA

Haroldo Stumpf, sócio e cofundador do Banco Topázio

quais estamos presentes. Estudo realizado pelo Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe) mostra que em toda localidade na qual o Sicredi entra, aumenta 5,6% o PIB per capita, em 6,2% o índice de empregos e em quase 16% o número de aberturas



EVANDRO OLIVEIRA

Alexandre Englert Barbosa, superintendente do Sicredi

de empresas”, destacou o executivo. Da mesma forma, o presidente da Rio Grande Seguros e Previdência e vice-presidente da Icatu, César Saut, acredita que essas companhias têm como propósito a estabilização econômica de famílias e da



EVANDRO OLIVEIRA

César Saut, da Rio Grande Seguros e Previdência e Icatu

sociedade. “Ainda temos muito a crescer. O mercado de seguros de pessoas movimentou R\$ 58,1 bilhões em 2022, mas tem potencial de R\$ 200 bilhões. O de previdência fechou em R\$ 1,2 trilhão, podendo chegar a R\$ 3 trilhões”, apontou.



FÓRUM ECONÔMICO

Desaceleração populacional dos últimos anos compromete desenvolvimento econômico gaúcho

RS pagou o preço por ter começado a se desenvolver antes dos demais estados e por ser mais industrializado

Maria Amélia Vargas
mavargas@jcrs.com.br

Com um olhar provocativo sobre o cenário da economia gaúcha, o último painel do Fórum Econômico partiu de uma análise conjuntural das últimas décadas para traçar perspectivas sobre a participação do Rio Grande do Sul em relação ao desenvolvimento do País. Entre as causas da queda da participação do Estado no Produto Interno Bruto (PIB) nacional, os especialistas apontaram a redução no saldo populacional e o envelhecimento dos habitantes.

Se o crescimento demográfico do RS apresentou uma média anual de 1,21% positivo no período de 1991 a 2000 e de 0,49% no período de 2000-2010, o Censo 2022 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) registrou um acréscimo de apenas 0,14% na taxa. Ou seja, em 12 anos, o Estado passou de 10.693.929 para 10.880.506 habitantes.

Na avaliação do economista-chefe da Vokin Investimentos, Igor Morais, isso se deve à redução de nascimentos e à migração, “que são uma tendência mundial e estão ocorrendo em níveis mais acelerados por aqui”. Diante disso, pontuou o especialista, “não há como fugir das consequências, e a principal delas é o envelhecimento dos cidadãos”.

De acordo com Morais, o Brasil perdeu a taxa de reposição



Em 10 anos, a população gaúcha deve começar a produzir em velocidade reduzida; as indicações, portanto, estão na atenção à Previdência Social

populacional (que é de 2,1 filhos por mulher) em 2010, “mas no Estado a redução de fecundidade começou mais cedo”. Somado a isso, a expectativa de vida, que em 2000 era de 68,6 anos, passou para 72,4 anos em 2010 (IBGE, 2016). Dessa forma, ele aponta duas importantes preocupações: o investimento na capacidade hospitalar e a melhoria na Educação.

“Nesse ritmo, em 10 anos, a população gaúcha deve começar a produzir em velocidade reduzida. As indicações, portanto, estão na atenção à previdência social. Na outra ponta, a melhoria na qualificação dos profissionais que irão ingressar em um mercado no qual sobrarão vagas”, destacou Morais.

O economista-chefe do Sicredi, André Nunes de Nunes, acredita que o Rio Grande do Sul “pagou o preço por ter começado a se desenvolver antes dos demais e por ser mais industrializado”.

Mas, para ele, o Estado acabou prejudicado pela guerra fiscal, perdendo alocações de investimento e de capital. “Isso acontecia porque sempre fomos mais produtivos, por termos um excelente capital humano. Mas não há capital humano que resista a 30%, 35% de benefício tributário de produzir em outro local”, analisou o profissional.

De positivo, Nunes destaca o atual governo estadual. “Passamos por má administração das

contas públicas, de 2000 a 2020 fomos o Estado que menos cresceu no País. Mas eu olho pra frente e tenho mais esperança, pois temos uma revolução na forma de produzir, e não falo nem só pelo viés industrial. Se a gente conseguir condições para que essas pessoas fiquem aqui, acho que há uma grande oportunidade pela frente.”

Nesse sentido, o economista Aod Cunha aposta nos benefícios das recentes reformas previdenciárias e administrativas pelas quais o Estado passou nos últimos tempos. “Embora tenhamos um ponto de partida muito ruim, uma dívida sobre a receita, que é o maior entre todos os estados, paramos de afundar, mas vamos continuar

tendo uma pressão fiscal muito grande, que limita a capacidade do setor de fazer investimentos”, analisou.

Aod também voltou a atenção para a questão do envelhecimento da população. “As pessoas ainda não entenderam a velocidade disso, o Brasil faz a sétima/oitava mais rápida transição demográfica do mundo. E o Rio Grande do Sul já fez essa transição, o crescimento da oferta de trabalho com o crescimento demográfico vai ser um fator favorável. Mais do que isso, se a gente olha para os fluxos migratórios, os dados recentes, essa mão de obra precisa ser mais qualificada, essa é chave”, finalizou o economista.



Aod Cunha, economista e ex-secretário da Fazenda do RS



André Nunes de Nunes, economista-chefe do Sicredi



Igor Morais, economista-chefe da Vokin Investimentos

Jornal do Comércio 90 ANOS
O jornal de economia e negócios do RS

MAPA ECONÔMICO DO RS

EVENTO 5: REGIÃO METROPOLITANA, VALE DO SINOS E LITORAL

No dia **20 de novembro**, o quinto evento da série Mapa Econômico do RS acontecerá na FIERGS, em Porto Alegre. O painel "**Desafios e Oportunidades econômicas para a Região Metropolitana, Vale do Sinos e Litoral**" contará com a presença de diversas lideranças políticas e empresariais de todo o Estado.



FIERGS

GOVERNO DO ESTADO
RIO GRANDE DO SUL
O futuro nos une.

BRDE
FUNDAÇÃO
DE DESENVOLVIMENTO
DO EXTREMO SUL

CREA-RS
Conselho Regional de Engenharia e Agronomia do Rio Grande do Sul

CIE **con-
juntos**
RS

ULBRA